

A constituição de si e a sexualidade: o drama do sujeito ilustrado e do sujeito restaurado

The constitution of the self and sexuality:
the drama of the illustrated subject and the restored subject

Sandra Fogaça Rosa Ribeiro¹

¹ Psicóloga, mestre em Saúde Coletiva (Unesp, 2006) e doutora Educação (Unicamp, 2011). Professora adjunta da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Coordenadora do grupo de pesquisa “Saúde Mental, Trabalho e Gestão”/CNPq, com pesquisas financiadas pelo CNPq/PPSUS. Foi Coordenadora de grupo tutorial do Pet-Saúde - UFMS (2023). Foi Pesquisadora no Laboratório Invisível – Invisible College – Abolição Afetiva: Michel Foucault, liberdade econômica e o triunfo da terapêutica (2023). Atua principalmente em Psicologia na interface entre Trabalho, Educação e Saúde. sandrafoga-carr@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/0593934187852891>

Resumo

Este artigo é sobre a constituição de si e a sexualidade a partir de duas concepções – a foucaultiana e a cristã. O objetivo deste texto foi encontrar conexões e desconexões que perpassam a teoria foucaultiana e o cristianismo, sobre a constituição de si e a sexualidade. A perspectiva foucaultiana será abordada, seguida da apresentação de pontos e contrapontos com o cristianismo. As reflexões apontaram ser possível que as duas perspectivas - cristã e foucaultiana – concordem que a constituição de si não prescinde do conhecimento de si. Concordam também que a sexualidade é sim algo importante na vida, mas não é a única dimensão constituinte da identidade, nem a mais importante. Entretanto, discordam sobre o pressuposto da subjetividade ser construída em torno do “sujeito de si” livre de qualquer “assujeitamento”, amarras ou padrão, num exercício do “sujeito ilustrado”. Na perspectiva cristã, o sujeito é convocado a outra forma de liberdade, a do “sujeito restaurado”, por meio da qual há a incorporação da mente de Cristo, o desenvolvimento do padrão dos fiéis. Sim, há um padrão, Jesus.

Palavras-chave

Sujeito; Foucault; Cristianismo, Sexualidade

Abstract

This article is about the constitution of the self and sexuality based on two conceptions - Foucauldian and Christian. The aim of this text was to find connections and disconnections between Foucauldian theory and Christianity on the constitution of the self and sexuality. The Foucauldian perspective is presented, followed by points and counterpoints with Christianity. The reflections show that it is possible for the two perspectives - Christian and Foucauldian - to agree that the constitution of the self does not dispense with knowledge of the self. They also agree that sexuality is an important part of life, but not the only dimension of identity, nor the most important. However, they disagree on the assumption that subjectivity should be built around the “subject of the self”, free from any “subjection”, ties or norms, in an exercise of the “illustrated subject”. In the Christian perspective, the subject is called to another form of freedom, that of the “restored subject”, through which there is the incorporation of the mind of Christ, the development of the standard of believers. Yes, there is a standard, Jesus.

Keywords

Subject; Foucault; Christianity, Sexuality

1. Introdução

A constituição de si, à luz dos estudos de Foucault (1996) é revelada de forma articulada com outras dimensões humanas, a liberdade e o cuidado de si. Por sua vez, a concepção de liberdade e o cuidado de si, está imbricada com a história da sexualidade, a partir do mundo judaico-cristão. O objetivo deste texto é encontrar conexões e desconexões que perpassam a teoria foucaultiana e o cristianismo, sobre a constituição de si e a sexualidade. Será ponderado o que há de comum entre o que denominou-se aqui de “sujeito ilustrado”² e o “sujeito restaurado”.³ A fim de sistematizar e facilitar a compreensão das ideias, o texto será dividido em três partes, na primeira será abordada a perspectiva foucaultiana ligada ao tema, na segunda, se apresentará a perspectiva cristã sobre o tema. Na terceira, apresentar-se-ão alguns pontos e contrapontos entre a teoria foucaultiana e o cristianismo.

2 Sujeito ilustrado, na perspectiva foucaultiana, pode ser compreendido como um “ensaio” que se faz da própria vida, para experimentar novas possibilidades. Nesse sentido, o “ilustrar-se” permite o cuidar de si para resistir aos limites que são impostos, que são desnecessários, reflexivamente. (Foucault, 2011).

3 Sujeito restaurado, na perspectiva cristã é aquele alcançado por uma redenção cósmica, em Jesus Cristo, cujo propósito é restaurar não só o sujeito mas toda a criação, para além da esfera pessoal, abrangendo a social e cultural (Wolters, 2006).

Parte 1: Perspectiva foucaultiana sobre liberdade, constituição de si e a história da sexualidade

Cabe explicitar que a perspectiva foucaultiana apresentou uma história da sexualidade, considerando o seu próprio conceito de ética – a prática reflexiva da realidade, desmembrada em três tipos: a história das ações dos indivíduos (relação com os outros), a história dos códigos (relação com as coisas) e a história de como os homens se constituíram em sujeitos (relação consigo mesmo), sendo essa última a que será mais abordada neste artigo. Essas realidades eram compreendidas a partir de quatro grandes eixos – relação com o corpo, relação com a esposa, relação de homens com os rapazes (homossexualidade) e a relação com a verdade. Ainda cabe salientar que o contexto da antiguidade seguia um regime masculino, guiado por homens e endereçado para homens, considerando que as mulheres só apareciam como objetos ou na melhor das situações, como parceiras, sobre as quais o homem exercia poder para educar, formar e vigiar (Foucault, 2023).

Conforme já foi apontado, Foucault (2006) buscou subsídios para compreensão da liberdade numa concepção de mundo, na qual essa liberdade era entrelaçada ao cuidado de si, pois a prática da liberdade é que viabilizaria esse processo de conhecimento e cuidado. Sem a liberdade isso não seria possível. Até para uma vida saudável na cidade, seria indispensável o domínio do sujeito sobre si e, essencialmente, ser livre dos próprios prazeres ou da “*aphrodisia*” — atos, gestos que proporcionavam prazer. Em suas próprias palavras:

essa liberdade individual, no entanto, não deve ser compreendida como a independência... ser livre em relação aos prazeres é não estar a seu serviço, é não ser seu escravo. O perigo que os *aphrodisia* trazem consigo é muito mais a servidão do que a mácula... os servos eram escravos de seus senhores e a gente imoral o era de seus desejos (Foucault, 2023, p. 95).

Ou seja, ser imoral era ser escravo dos próprios desejos. Nesse sentido, os escravos dos desejos eram denominados de intemperantes, que se baseavam sucintamente em duas variáveis fundamentais – o excesso e a passividade. O excesso reportava-se a quantidade de atos sexuais por prazer, quer fossem permitidos ou não. A passividade referia-se a um dos dois tipos de atores – os passivos ou objetos. Na atividade *aphrodisia* estavam implicados dois atores – um que exercia a atividade, o ativo, e outro sobre o qual ela se exercia, os passivos, no caso mulheres ou homens que se deixavam penetrar por seu parceiro (Foucault, 2023).

Dessa forma, para Foucault (2006) a produção de si era baseada na ética, tendo a liberdade como condição ontológica (de realidade). Era uma operação do sujeito sobre si e sobre o campo de ações e possibilidades do outro, não só sobre o corpo

do outro. Essas relações eram estratégicas. Havia um cálculo mútuo de um sobre o outro, caracterizando relações de poder, não necessariamente de dominação. O poder sempre atravessaria as relações humanas, mas a relação de dominação e violência é que impediria o exercício da liberdade, dependendo de como esse poder fosse exercido nessas relações.

Para esclarecer melhor, é necessário compreender que o cuidado de si era uma produção de subjetividade, atravessada por inevitáveis mecanismos de poder, disciplinas e normatizações sobre o sujeito. Mas como o sujeito poderia se constituir em subjetivação, tendo esses mecanismos operando sobre si? Aí se aplicava o conceito de ética explicitado acima, a prática reflexiva da liberdade. Só a liberdade, vivenciada reflexivamente, poderia fazer com que esse sujeito deixasse de ser “sujeitado” ao outro por controle e dependência ou por ser passivo em qualquer relação, de natureza sexual ou não, fosse ela hétero ou homossexual, e fosse “sujeitado” a si mesmo, pela consciência de si. Conforme Candiotti (2010, p. 162) “o cuidado de si evoca a luta agonística e incessante, o embate travado no próprio indivíduo, o inconformismo diante das tendências egoístas e hedonistas”.

Em outras palavras, a objetivação tornaria o sujeito um objeto, já a subjetivação o tornaria sujeito de si, por um processo de conhecimento, expresso na relação do indivíduo consigo mesmo, com formas de governanças, com os outros e com campos de conhecimentos.

Ainda, recorrendo aos gregos, Foucault (2011) discorreu sobre o que denominou de Ilustração, num texto publicado um mês antes de sua morte. Esta era uma técnica usada pelos gregos para facilitar a constituição de sujeitos de si. Usavam a arte, como se a vida fosse uma obra de arte, baseada em exercícios artísticos, uma ação artística sobre si mesmo, a estética de si.

Pode-se considerar que o “sujeito ilustrado” era aquele que cuidava de si, para resistir aos limites que lhes eram impostos, desnecessariamente. Obviamente nem tudo poderia ser continuamente criado e pensado, pois o indivíduo vivia constantemente num paradoxo, rodeado de coisas, sobre as quais não se podia pensar. Não era todo o tempo que as decisões podiam ser conscientes ou ativas, mas havia que se identificar outros momentos que possibilitassem a reflexão. Por isso o “sujeito ilustrado” era um constante devir. As relações e a subjetivação estavam sempre permeadas pelo contexto histórico e temporal que se vivia.

Na verdade, Foucault concebia as pessoas como “posições” ou papéis diversos na vida, ocupavam essas posições em distintos momentos, não eram essências, nem particularidade única, mas múltiplas personalidades, múltiplas subjetividades. Tantas quantas fossem possíveis pelas relações vivenciadas.

Portanto, a partir dessa linha de pensamento foucaultiana, a sexualidade se apresentou como fluida e pulverizada, por causa da diversidade de constituições de si, assumidas pelo “sujeito ilustrado”. Isso abriu caminho para os movimentos identitários, nos quais as pessoas se posicionam dentro de um espectro infinito de possibilidades, no que se refere a sua própria sexualidade.

É no interior desse quadro de referência que procuraremos confrontar a história da sexualidade ocidental contada por Foucault, em paralelo com a perspectiva cristã, apresentada a seguir.

Parte 2: Perspectiva Cristã sobre a sexualidade e identidade

As considerações na perspectiva cristã sobre a sexualidade e identidade foram realizadas à luz de alguns teólogos, dentre os quais, um intérprete da fé cristã, a saber, o teólogo americano Kevin J. Vanhoozer (2018). Este tornou-se notável na contemporaneidade acadêmica e eclesial com uma produção teológica na qual a igreja atua como uma “companhia de teatro da fé”, encenando o grande drama da redenção, com ênfase em cinco atos. Em cada ato do grande drama ou teodrama⁴ há uma expressão graciosa de Deus – Criação (primeiro); eleição (segundo); encarnação e crucificação (terceiro); ressurreição e ascensão, Pentecostes e assentar celestial (quarto); consumação (quinto).

Nesses atos, a igreja encena os atos do drama com sua própria vida, como sacrifício vivo do corpo, como se fosse um “bis” do Verbo encarnado, da entrada de Cristo na história. Nesse sentido, a grande referência para entendimento da ética, da liberdade e da sexualidade não foi a história geral da humanidade, nem os aspectos temporais, mas a encenação do drama da redenção. Nas palavras de Vanhoozer na “realidade socialmente subversiva trazida a existência por Cristo... a igreja é uma dramatização da vida em Cristo, ‘entre os tempos’...é a proclamação da cruz e de suas implicações” (Vanhoozer, 2016, p. 244).

Corroboram com esses pressupostos teológicos de Vanhoozer (2016) os apontamentos de Trueman (2024) e Percy (2022) sobre a sexualidade. Ambos apresentam o conceito de sexualidade na perspectiva da antropologia bíblica, enquanto algo criado por Deus, definida pela complementaridade entre homem e mulher, reconhecendo as diferenças do corpo, valorizando-as e legitimando-as como fundamentais, em detrimento de sentimentos e desejos que subestimam a corporeidade. Nas palavras de Percy (2022, p. 163) “o cristianismo honra o corpo como macho e fêmea, em vez de subordinar o sexo biológico a sentimentos psicológicos”. Isso não quer dizer

⁴ Teodrama consiste não somente nos atos divinos para salvar a humanidade, mas especialmente a fala de Deus como algo dramático, bem como e a resposta correta do homem a Deus (Vanhoozer, 2016).

que os aspectos psicológicos e sentimentos devam ser desconsiderados. Pelo contrário, a sexualidade deve estar harmonizada com os componentes psíquicos, “superando a alienação de si mesmo, por meio da recuperação de uma coerência interior”.

Novamente, nas palavras de Percy (2022, p.171)

o problema é que, quando o desejo sexual é visto como característica definidora da sua identidade, ele torna-se rígido e inviolável. Quando a pessoa abstém-se de agir conforme os seus sentimentos sexuais, ela é acusada de repressão e ódio próprio.

Cabe ainda ressaltar que desejos e sentimentos são importantes, mas não definem a forma de proceder sexual, a ética sexual. Da mesma forma, sentimentos e desejos não definem o procedimento em nenhuma outra área da vida. Sentir desejo por ter um carro ou um bem material qualquer, não significa que se possa roubá-lo.

Ainda é bom ressaltar que diferente do gnosticismo, que confere uma elevação do espírito sobre o corpo, o cristianismo não minimiza a importância do corpo, mas integra-o como fundamental e intrínseco a vida, em todos os atos do Teodrama, desde a criação, especialmente a ressurreição, até a consumação (Vanhoozer, 2016).

O conceito de identidade também está ancorado na antropologia bíblica, sendo a imagem e semelhança de Deus a expressão máxima de quem somos, a despeito de sermos moldados de uma forma ou de outra, conforme desejos específicos de cada época histórica da humanidade. Nas palavras de Trueman (2024, p. 406) “somos feitos à imagem de Deus, mas nossos desejos e nosso profundo senso de identidade são, na verdade, moldados de maneira profunda pelas condições específicas da sociedade em que realmente vivemos”.

Nesse sentido, a constituição de si ou a identidade, não depende do próprio sujeito, mas de certa forma, da teatralização da própria vida, representada no drama da redenção, como aquele que atualiza cada percalço, proveniente da queda, mas de forma restaurada, constituindo-se enquanto “sujeito restaurado”. O ápice desse drama foi atingido quando Cristo derramou sua vida por cada um dos atores (Vanhoozer, 2016).

Dessa forma, o “sujeito restaurado” é aquele alcançado por uma redenção cósmica, em Jesus Cristo, juntamente com toda a criação, para além da esfera pessoal, abrangendo a social e cultural. À luz do apóstolo Paulo, essa restauração cósmica se dá de forma abrangente, pois “toda a criação juntamente geme... esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (Rm 8:22). Lewis (2009) explica isso de forma inusitada, apontando que se “fingirmos” que estamos vestidos de Cristo, progressivamente a vestimenta integrará o nosso ser. Viver a cena repetidamente, que se é filho de Deus, como Jesus de fato o é, acaba por nos fazer sê-lo, conformando-nos a Ele.

Coerente com tais premissas cristãs, a liberdade do “sujeito restaurado” não é alcançada por meio de uma ação reflexiva, restrita somente si ou aos outros, ela se dá por meio da incorporação da mente de Cristo, que promove o desenvolvimento crescente da liberdade, a partir de um padrão. Sim, há um padrão, Jesus.

Parte 3: Pontos e contrapontos entre a teoria foucaultiana e o cristianismo

Elaborar esses pontos e, mais ainda, os contrapontos entre duas perspectivas tão distintas não é uma tarefa simples. Para empreender essa análise de maneira recortada e compatível com o número de páginas deste texto, apresentar-se-ão as conexões entre ambas, diferenças e aproximações, bem como ponderações elaboradas no presente artigo. Embora todos os pontos estejam imbricados, serão apresentados separadamente, em tópicos, somente para facilitar a compreensão do leitor.

1. Códigos e leis: aparentes contradições morais

Dentre os pontos e contrapontos, cabe uma reflexão sobre a ética e os códigos, enquanto prática reflexiva da sexualidade (Foucault, 2006), utilizando-a como base para analisar supostas contradições sobre a questão moral no Antigo Testamento e no Novo Testamento. Nesse sentido, o “cristianismo inclusivo ou progressista” considera inválidos os códigos da lei judaica (Bahnsen, 2018) — especificamente a proibição das relações homossexuais. Acerca disso é possível conferir com Childers (2022, p. 96) que

o cristianismo progressista tem evoluído desde o início do ano 2000. O que uniu a todos foi o desejo de questionar as coisas em que os cristãos históricos tinham acreditado e depositado sua esperança durante dois mil anos. Os pontos de vistas progressistas a respeito de tudo, desde a sexualidade até a política, na vida e prática cristã, são construídos sobre essa base.

Mesmo que não tenha conhecimento das teorias foucaultianas, acerca da história dos códigos, o “cristianismo inclusivo ou progressista” chegou a conclusões compatíveis com tais pressupostos, no que se refere a invalidar os códigos mosaicos. É possível compreender isso, considerando que numa perspectiva histórica e ontológica, a proibição da relação homossexual seria um código moral somente para os hebreus — porque relações entre pessoas do mesmo sexo impediria que o povo se multiplicasse, e assim constituísse uma nação. Desde que, posteriormente, o povo se fortaleceu e se organizou como uma nação, isso não seria mais um desafio moral e, portanto, a homossexualidade não seria mais proibida (Bahnsen, 2018).

Em oposição a isso, pode-se afirmar que o cristianismo está alicerçado numa história maior e mais abrangente, a da redenção, na qual Jesus cumpriu a lei, — inclusive àquelas envolvendo a sexualidade humana do Velho Testamento. Na perspectiva do drama da redenção, proposta por Vanhoozer (2018), numa linguagem teatral, a incorporação da mente de Cristo não é uma mera cópia, mal ensaiada, mas uma réplica criativa e espontânea, o desenvolvimento do padrão dos fiéis. Sim, há um padrão: Jesus. Apesar da encenação do drama da redenção pressupor improvisação, ela só improvisa em cima do script, a revelação de códigos normativos... A lei não foi abolida. Dizer que ela foi cumprida em Cristo não significa que ela não tem mais vigência (afinal, continuamos não podendo matar, roubar etc). Há que se viver o drama, vestidos de Cristo, acima de qualquer cultura, tempo ou época. É nesse contexto que a sexualidade está submetida a uma verdade maior, ser como Cristo, que não só falou, mas encarnou a verdade: a aliança entre Deus e a humanidade, a aliança entre um homem e uma mulher e a aliança entre ele e sua noiva, a igreja.

2. Formas identitárias e amarras do sujeito

Como já ficou claro, apesar do pensamento foucaultiano não ser compatível com uma moral cristã, é possível utilizar-se dele para um questionamento. Não seriam as formas identitárias contemporâneas, baseadas na sexualidade, amarras que aprisionam os sujeitos, até os próprios cristãos? Não estariam esses sujeitos sequestrados de si mesmos, moldados, formatados conforme o *zeitgeist* – espírito da época? Não seria a lógica de mercado, que lucraria com essas pessoas formatadas, que indistintamente consomem produtos compulsivamente? Nas palavras de Dulci (2020, p. 64)

Todas as vezes que caímos nesse erro, nos tornamos escravos de uma série de processos e artefatos culturais que apenas complicam nossa vida em sociedade. Pense em toda a indústria cultural por traz das políticas de identidade sexual: uma nova linguagem, roupas para vestir, lugares para frequentar, preferências ideológicas, práticas éticas e assim por diante. Cristãos sem discernimento da história se complicam, pois procuram afirmar a diferença moral cristã com base em aspectos que são absolutamente relativos e frutos dessa indústria cultural – tal como declarações infantis sobre “menino usar azul e menina rosa”.

Dessa forma, é pertinente que tanto perspectivas cristãs como não-cristãs atentem para o fato que, para além de uma discussão circunscrita à área da sexualidade, as lutas identitárias estão, inevitavelmente, envolvidas em algo maior – uma indústria cultural sutil e abusiva, que aproveita-se sorratamente de sujeitos desavisados e ingênuos.

3. Formas identitárias e suposto vínculo com a sexualidade

Cabe ainda discutir sobre um suposto vínculo entre as formas identitárias contemporâneas e a sexualidade. A partir dos estudos sobre a constituição de si, Foucault (2023) apontou que o que caracterizava os intemperantes não era a prática sexual proibida, fosse ela hétero ou homossexual, mas a quantidade excessiva, ou seja, a subordinação do sujeito a essas práticas. Em outras palavras, nem mesmo Foucault (2023) utilizou-se da sexualidade como parâmetro de identidade, ele mesmo era contra o uso do termo “homossexual” para definir quem alguém era, pois não encontrava na sexualidade parâmetros de definição de identidade. A Psicologia corrobora com essa discussão, apontando que identidade é “uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto, una” (Ciampa, 1984, p.61). Nesse sentido o sujeito tem sua identidade baseada em várias dimensões, para além da sexualidade. Perpassa aquilo que é igual e o que é diferente, aquilo que o coloca parte de um todo, mas também o difere do todo. Um exemplo é o nome, que o diferencia dos demais e o sobrenome que o iguala a sua família.

Dessa forma, é possível encontrar uma consonância entre a perspectiva foucaultiana e o cristianismo, que por sua vez, também não fundamenta a identidade na sexualidade, mas em ser um “pequeno Cristo”, à imagem e semelhança de Deus. A sexualidade é, sim, algo importante na vida, mas não é a única dimensão constituinte da identidade, nem a mais importante. Foi criada de forma perfeita, a sua estrutura se manteve, mas a direção foi deturpada, permeada pelo pecado — práticas contrárias ao projeto original do Criador, sejam essas práticas homo ou heterossexuais (Wolters, 2006). Ao desfazer essa confusão, Alberry (2018), um pastor anglicano, apontou com honestidade e legitimidade sua própria condição de ser alguém com atração pelo mesmo sexo, mas não se identificou como homossexual, mas acima de tudo, como um cristão que lutou constantemente com suas tentações — todas, não somente e nem exclusivamente as sexuais. Nas suas palavras

pode-se pensar que a atração por pessoas do mesmo sexo represente a principal questão da vida cristã, como se nenhum outro pecado ou luta demandasse a mesma seriedade. Minha própria percepção é que eu luto contra a ganância com muito mais intensidade de que contra a tentação sexual... sim, esses sentimentos (os referentes a sexualidade) possuem um efeito significativo em algumas áreas da vida, mas eles não a definem (Alberry, 2018, p. 48).

Corrobora com essa compreensão da identidade desvinculada da sexualidade, a análise de Dulci (2020) sobre a teoria foucaultiana:

o conceito de “atração pelo mesmo sexo” nos auxilia a não só fazer justiça à antropologia bíblica, como também a ultrapassarmos obstáculos remanescentes. Isso porque, quando definimos uma identidade tal como a de “gay” e acrescentamos a diferença específica “cristão” carregamos conosco toda a carga ideológica com que a identidade gay foi instrumentalizada na esfera pública. Nesse aspecto, estou junto com Michel Foucault que, mesmo sendo alguém que mantinha relações com homens, sempre defendeu que não existia essa “entidade” chamado homossexual (Dulci, 2020, p. 82).

Diante disso, é certo que Foucault não coloca a sexualidade como parâmetro de identidade, mas, ao mesmo tempo, num sentido amplo da sua teoria, faz críticas severas à identidade sexual cristã. Essa aparente contradição pode ser melhor compreendida por meio de um excerto dos escritos de Percy (2022, p. 168):

A ironia é que a ideia de colocar a atração sexual no centro da nossa identidade é uma invenção recente. É claro que, ao longo da história, as pessoas já se envolviam em comportamento homossexual, só que isso era visto exatamente dessa forma – como um comportamento no qual qualquer pessoa podia envolver-se. Não era visto como uma identidade inalterável.. Quando foi que o significado do termo mudou? No século XIX, quando a influência moral cristã começou a declinar, a ciência médica tomou para si a definição de sexualidade (...) Sob esse novo regime-médico-sexual, diz Foucault, o que era um ‘pecado habitual’ agora se tornou-se uma ‘natureza singular’ (...) A ciência forjou a hétero e a homossexualidade como tipos psicológicos divergentes, inatos e imutáveis.

Depreende-se daí que nem Foucault, nem o cristianismo concordam com um suposto rigor científico, que de forma superficial tenta associar a identidade a sexualidade e pior que isso, atribui a fatores inatos a constituição da sexualidade, a despeito de outras influências, sejam elas provenientes da queda, na perspectiva cristã, ou ontológicas, na perspectiva foucaultiana.

4. Sujeito Ilustrado (Multiplicidades de Si) e Sujeito Restaurado (Imago Dei):

Retomando a questão foucaultina, do “sujeito ilustrado”, em paralelo com o cristianismo, pode-se considerar que o sujeito vive sim uma forma de “ilustração” por meio de encenações. Mas diferente do que postulou Foucault (2011), teatraliza aspectos de si, a partir de um enredo – o drama da redenção. O ponto mais alto desse drama foi atingido quando Cristo derramou sua vida por cada um dos atores, os quais atualizam esse momento em cada percalço vivido, de forma restaurada e não ilustrada (Vanhoozer, 2016). Nesse sentido “a igreja, portanto, é um teatro real, uma

manifestação vivida da palavra da verdade, da graça e do amor. De modo especial, a igreja é aquele lugar peculiar onde homens e mulheres fazem de forma livre e feliz a vontade de Deus, tanto na terra como no céu” (Vanhoozer, 2016, p. 24). A palavra “como” é fundamental para compreender essa encenação do viver o céu, enquanto ainda se está na terra. “Essa foi e continua sendo a vontade de Deus no céu, vontade que está sendo feita na terra” (Vanhoozer, 2016, p. 75).

Com certeza, mesmo numa perspectiva cristã, é possível concordar com Foucault (2023) que o cuidado de si não prescinde do conhecimento de si e da liberdade das amarras, inclusive dos próprios desejos intemperantes. Entretanto, diferente do que o autor pressupôs, não existe “um herói virtuoso que é capaz de desviar do prazer, como uma tentação na qual ele sabe não cair... de que essa renúncia é capaz de dar acesso a uma experiência espiritual da verdade e do amor, a qual seria excluída pela atividade sexual” (Foucault, 2023, p. 26). O cristianismo, dentro do drama da redenção, propôs sim a liberdade, de forma que o sujeito possa dizer quem ele é, “um pequeno Cristo”. Liberto das paixões da carne, deixa de ser escravo da carne, como o próprio Foucault (1996) indicou, mas não como um “herói virtuoso”, e sim por meio de Cristo (Vanhoozer, 2016).

Conforme já explicitado anteriormente, conforme Lewis (2009), se “fingirmos” que se está vestido de Cristo, aos poucos a vestimenta fará parte de quem se é. Ao encenar tantas vezes que se é filho de Deus, como Jesus de fato o é, acaba por sê-lo. Nas palavras de Lewis (2009, p. 249) “a única maneira de adquirir uma qualidade consiste em comportar-se como se já a tivesse”. Não seria essa uma forma de “ilustrar-se”, mas numa perspectiva restauradora, redentora, com um alcance eterno, “assim na terra como no céu”?

Nesse sentido, o fato de constituir-se sujeito não depende inteiramente de si, conforme Foucault (2006) postulou, inclusive no sentido de ser livre. A crítica foucaultiana feita ao Cristianismo pressupôs que a salvação cristã comprometeria a liberdade pessoal, requerendo a figura do sacerdote mediando a relação dos crentes com Deus. Isso foi refutado pela reforma protestante, por meio de uma doutrina fundamental, o sacerdócio universal dos crentes. Também a suposta negação de si, pelos cristãos, criticada pela teoria foucaultiana, como uma repressão da subjetividade, foi equivocada, pois o

imperativo bíblico de rejeitar o pecado que afetou toda a sexualidade humana não é sinônimo de negar a si mesmo enquanto rejeição psicológica de si. Novamente é fundamental fazer distinções aqui para não chamar raposa de cachorro. O cuidado com essa diferenciação não é meramente teórico. Talvez seja o que tem consequências mais imediatas e danosas para quem sofre de maneira pessoal com as questões de gênero, sexo e sexualidade (Dulci, 2020, p. 69).

A negação é do pecado, não de si, pois a “Imago Dei” jamais é apagada, mesmo deturpada, pode ser restaurada pelo Evangelho.

Considerações Finais

Finalmente, sobre os pressupostos de liberdade, postulados por Foucault (2006), em parte está correta, mas não totalmente, pois a liberdade tem outra origem, foi outorgada por Aquele que chamou o ser humano a existência, a partir da palavra pronunciada pelo próprio Deus, que “chama a existência as coisas que não existem” (Rm. 4:17). A palavra divina “Haja luz” trouxe o mundo a existência (Vanhoozer, 2016, p. 75). Em resposta a demanda foucaultiana sobre ser sujeito de si, cabe destacar que na teatralização do enredo da redenção “não há nada mais autêntico do que ser transformado a imagem e semelhança de Jesus Cristo, o protótipo da verdadeira humanidade... a realidade do ser para ressurreição” (Vanhoozer, 2016, p. 89). No drama da redenção, conforme explicitado antes, Vanhoozer (2016) apontou que o final de cada culto é como um envio de Deus ao mundo, para que a igreja testifique sua vocação, como um bacharel que, ao se formar, sai para disseminar o que aprendeu.

Da mesma forma, a igreja, com-formada a cada dia mais com Cristo, deve sair para disseminá-lo ao mundo, como uma companhia de teatro vivo. Curiosamente, o precursor do psicodrama, Lev Moreno, chamou suas primeiras experiências de “jornal vivo”, pois precisava convencer as pessoas que as notícias publicadas no dia eram espontaneamente encenadas, sem ensaio prévio, era um protótipo do que depois seria o psicodrama, que tinha por objetivo encenar a própria vida (Ribeiro, 2007). Muito mais que isso, a igreja tem um enredo que aponta para algo totalmente inusitado, o céu na terra. Não por acaso, Jesus ensinou a oração mais completa - “assim na terra COMO no céu”.

Referências Bibliográficas

ALLBERRY, S. **Deus é contra os homossexuais?** A homossexualidade, a Bíblia e a atração por pessoas do mesmo sexo. Brasília: Ed. Monergismo. 2018. 96p.

BAHNSEN, G. L. **Homossexualismo:** uma análise bíblica. Brasília: Editora Monergismo. 2018. 220p.

CANDIOTTO, C. Ética e política em Michel Foucault. **In: Revista Trans/Form/Ação**, v. 33, n 2. p. 157-176. 2010.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento** (pp. 58-75), São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHILDERS, A. **Outro evangelho: uma resposta ao cristianismo progressista**. SJC Campos: Editora Fiel. 2022. 272p.

DULCI, P. **Identidade e sexualidade: reformando nossa visão de conceitos fundamentais**. Brasília: Editora Monergismo. 2020. 95p.

FOUCAULT, M. **Hermenéutica del sujeto** (1982). Editorial Altamira. 2006.

FOUCAULT, M. **Sobre La ilustración** (1984). Madrid: Tecnos. 2011.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2** (1982). O uso dos prazeres. 12º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2023. 319 p.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. 3º edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. 300p.

PEARCY, N. **Ama teu corpo: contrapondo a cultura que fragmenta o ser humano criado à imagem de Deus**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus. 2022. 374p.

RIBEIRO, S.F.R.; MARTINS, S.T.F. Oficina de teatro espontâneo com trabalhadores do Programa de Saúde da Família: um espaço de expressão e reflexão. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 2(1), p.221-28. 2007.

TRUEMAN, C. **Ascensão e triunfo do self moderno: o pensamento contemporâneo explicado para os cristãos com profundidade, clareza e força**. São Paulo: Ed. Cultura Cristã. 2024. 448p.

VANHOOZER, K. J. **Encenando o drama da doutrina: teologia a serviço da igreja**. São Paulo: Vida Nova. 2016. 352p.

WOLTERS, A. **Criação restaurada: base bíblica para uma cosmovisão reformada**. São Paulo: Cultura Cristã. 2006.